



ESTATUA DE WASHINGTON.

O DESENHO precedente copia em breve ponto a magnifica estatua collossal, obra prima do cinzel de Francisco Chantrey, e que foi collocada na casa parlamentar de Boston para memoria do illustre defensor da liberdade americana.

Jorge Washington, verdadeiro heroe moderno, é o idolo do povo dos Estados-Unidos do Norte-America, onde de raro se encontrará casa que não tenha a *Vida* deste primeiro presidente da sua republica. O seu tumulo na margem occidental do Potomac é quasi objecto de romagem: em Baltimore tem outra excellente estatua, obra de Causici; e finalmente Washington é o nome de uma cidade da União.

O bosquejo biographico, inserto em o 3.º vol. da nossa 1.ª serie, dispensa-nos de delinear a gloriosa carreira de varão tão benemerito da sua patria; limitando-nos a trasladar agora o que do seu character escreveu um dos principaes entre os historiadores do nosso tempo, Mr. Guizot.

JULHO 23 — 1842.

Washington era amante de seus camaradas, respeitador do monarca e do governador [*então pela Inglaterra*], mas não havia amor ou respeito que afrouxasse a independencia e inteireza do seu juizo e proceder. Conheceu e observou com admiravel promptidão porque meios e sob que condições o serviço real e do paiz podia ser vantajosamente guiado. Esses meios, essas condições elle exigia ou impunha — aos soldados se diziam respeito á disciplina, á actividade e zelo do serviço — do governador se eram concernentes ao pagamento daquelles, ao commissariado, aos soldos dos officiaes. Em todas as circumstancias, quer a sua linguagem se levantasse ao superior, a quem dava contas, quer descesse aos que estavam sujeitos ás suas ordens, foi sempre igualmente claro, pratico, e decisivo — igualmente lhe estampava o cunho daquella auctoridade que a verdade e a precisão conferem ao homem que falla em nome dellas. Desde 1754, na carreira militar e politica, Washington foi aquelle

2.ª SERIE — VOL. I.

eminente caracter americano, o primeiro e leal representante do seu paiz, o mais apto para comprehender bem a posição desta terra emancipada, e de a manter quer por tratados quer pela espada, já defendendo-a no campo, já regendo-a no gabinete. Nem as suas qualidades foram daquellas que pela força e curso dos acontecimentos se manifestam; antecipadamente as avaliavam os seus compatriotas. Quando em 1759 foi eleito, pela vez primeira, para a assemblea da Virginia, o presidente exprimiu-lhe n'um discurso fervoroso a gratidão de todos os deputados e mais concidadãos pelos serviços que elle prestára á patria. Washington levantou-se para agradecer, mas tão confundido que não pôde atinar com as palavras; corou, tremeu, balbuciou segunda vez sem poder exprimir-se, ao que lhe acudiu o presidente, dizendo: sentai-vos, senhor, a vossa modestia é igual ao vosso valor, mas sobrepuja quantos termos eu poderia achar nos idiomas para encarecer o vosso louvor. — N'outra occasião, em 1774, Henry, o mais ardente republicano da America, ao voltar do primeiro congresso que preparou a separação da metropole, sendo perguntado quem era o homem principal daquella reunião, respondeu: — «Se me fallais d'eloquencia, Rutledge, da Carolina do Sul, é o mais conspicuo orador; mas se me fallais de solido saber e juizo, o coronel Washington é fóra de questão o homem preeminente na assemblea.»

Todavia, posta de parte a eloquencia, Washington não possuia aquellas brilhantes e extraordinarias qualidades que deslumbram a imaginação humana; não foi daquelles engenhos ardentes, que sahem a campo levados da energia de seus pensamentos ou do impeto de suas paixões, antes que a oportunidade ou a occasião pozessem em exercicio as suas faculdades; não conhecendo os impulsos internos da ambição, não antecipou os incidentes da sua vida, nem aspirou a ganhar a admiração dos homens; o seu entendimento firme, e generoso coração, eram modestos e placidos; capaz de subir ao vertice da grandeza, poderia comtudo ter permanecido obscuro e ignorado, sem alligir-se, e acharia na cultura de suas fazendas bastante em que entreter aquellas vastas faculdades aptas ao commando de exercitos e á fundação de um estado: mas quando se offereceu a occasião opportuna, quando a necessidade instou, sem esforço da parte d'elle, sem imprevisito assombro dos outros ou antes como se disse já, em conformidade da esperança de todos, o prudente cultivador resplandeceu como um varão illustre. Possuia em summo gráu as duas qualidades, que na vida activa dispõem o homem para grandes emprezas: — tinha confiança e proposito firme em seus pensamentos, e arriscava-se a obrar resoluta e immediatamente segundo elles, sem temor ou hesitação.

A frouxidão nas obras é consequencia da fraqueza da convicção; porque o mais forte manancial das humanas acções é a crença. Assim que a luta com a metropole começou, Washington convenceu-se de que a causa do seu paiz era de justiça; e que sendo justa a causa, em um paiz já engrandecido, não seria duvidosa a victoria. — Para conquistar a independencia dos Estados-Unidos por armas foram necessarios nove annos; para estabelecer o governo pela politica, e administração civil gastaram-se mais dez. Obstaculos de toda a casta, vicissitudes adversas, odios de bandos, perfidias, erros, apathia publica, prejuizos particulares, em-

baraçaram, como se devia suppór, os passos de Washington na sua longa carreira: porem nem uma só vez se abalou ou desfalleceu a sua fé, a sua esperança; nos peiores lances tendo de combater com a melancholia propria, dizia, como uma vez a Trumbull: — «Não posso deixar de esperar e crer que o bom juizo do povo hade a final sobrepujar as suas preoccupações: tudo porfim se endireitará como por vezes tenho vaticinado. O meu unico temor é decahirmos algum tanto da primeira reputação.» — N'outra occasião, escrevia a Lafayette em 1788: — «Não creio que a Providencia tenha feito tanto para nada. O meu credo tem sido sempre que não ficaremos como monumento manifestador de que os homens, nas mais favoraveis circumstancias de liberdade civil e ventura, são inhabeis para se governarem e portanto nascidos forçosamente para terem senhores.» — E n'outra carta: — «... Nenhuma região do mundo tem tido mais meios do que a União-americana para estabelecer boa ordem e o governo, fazendo a nação feliz internamente e respeitada fóra. Portanto será maravilha estranha e cousa muito para sentir que desprezemos esses meios e nos afastemos da vereda que a Providencia tão claramente nos indicou. O supremo Senhor do Universo não nos guiou tão longe para nos abandonar a meio caminho. Só por loucura e desregrado proceder, nascido de variedade de causas, podemos transviar-nos: mas eu espero e confio que haja bom juizo e virtude bastante para recobramos a estrada direita antes de estarmos perdidos inteiramente.» —

Lembraremos a final que o Sr. visconde de Chateaubriand traçou um paralelo entre Washington e Napoleão, em que sobresahe a preferencia dada ao primeiro, porque o illustre escriptor calculou as differenças dos dois caracteres pelo lado das vantagens para o genero humano.

DO BRASIL E DA SUA PRIMITIVA CONQUISTA, POVOAÇÃO, E CONSTITUIÇÃO COMO COLONIA PORTUGUEZA.

O BRASIL, chamado por Cabral terra de St.^a Cruz, foi descoberto ha 342 annos por uma armada guerreira e expedicionaria que fazia caminho para a India. Elrei D. Manuel deu-lhe o apreço que permitiam os descobrimentos da India, e o empenho e attenção voltado então principalmente para os negocios do Oriente: no seu reinado pouco mais se fez a seu respeito do que enviar exploradores que correndo a costa na sua vastissima longura se assegurassem da extensão daquelle continente como possessão portugueza. Quando os capitães encarregados destas expedições tentavam fazer pausa ou mansão mais demorada no paiz, eram recebidos ou assaltados ás frechadas por indios selvagens, indomitos e ferozes. Elrei D. João 3.^o empenhou-se muito em estabelecer povoações naquelle vasto territorio; mas as navegações asiaticas e a necessidade de sustentar a guerra com as potencias inimigas naquellas paragens, que absorviam todas as forças da monarchia, obrigaram aquelle soberano a tomar um arbitrio de grande politica e de profunda perspicacia. Distribuiu o Brasil em capitánias, e deu-as a particulares poderosos para as occuparem, povoarem e defenderem. Os donatarios destes differentes districtos pozeram todos os esforços com varia fortuna; seguiram-se muitas perdas e desastres; frustraram-se muitas tentativas; appareceram graves inconve-

nientes, e resolveu-se então estabelecer um centro d'unidade munido do poder real, que servisse de apoio, e nexo ás dispersas capitánias, e que soccorresse e acudisse aos donatarios que o precisassem. As historias desse tempo, e subsequentes, consignando o facto, não attingiram o ponto politico a que se caminhava; e tendo observado algumas prepotencias e excessos na gerencia e administração dos donatarios assentaram que a corôa mandando um governador geral á Bahia tinha em vista regularisar o systema, e pôr um freio ás demasias dos despotas. Era isto andar pela rama, porque quando se mandam guerreiros de profissão com seus bandos armados occupar um paiz conquistado com poderes amplissimos de todos os generos, está visto que não é a equidade e humanidade que se tem principalmente em vista; o ponto todo é que a missão se cumpra, que a conquista se assegure.

O primeiro seculo do Brasil portuguez foi occupado nesta tarefa: eram emprezas particulares, umas bem, outras mal succedidas, todas difficéis e trabalhosas em que se despendeu muito cabedal, e em que se perderam muitas vidas, já pela guerra dos indígenas, já pelas doenças, e outras por naufragios. O segundo seculo foi empregado em fundações, em arroteamentos para culturas, em pesquisas de ouro, e de preciosidades. No terceiro é que se deve considerar o Brasil já fundado, constituido, e cuidando do progresso da propriedade, e correspondendo aos cuidados e desvelos dos colonisadores, e do governo. Os principios adoptados para a população e cultura do paiz foram as sesmarias, porem debaixo d'um plano que pareceu mais accomodado ás circumstancias: nem foi o que imaginou elrei D. Fernando, nem o que publicou modificado elrei D. João 1.º Haviam já prescripto os quatro systemas abraçados pelos primeiros reis portuguezes para povoar e cultivar as provincias conquistadas sobre os mouros: os tempos eram outros, a natureza especial de colonia longinqua tornavam inapplicaveis aquelles methodos puros (*); e então adoptou-se uma combinação dos diversos systemas. Era necessario convidar emprehededores opulentos e fortes, capazes de estabelecer uma especie de colonias militares, e estes não aceitariam o encargo sem uma grande auctoridade e poder, e sem um vasto dominio que alentasse na difficuldade da empreza. Os emprehededores eram os grandes proprietarios e guerreiros que haviam militado n'Africa ou na India, e que se dirigiam depois ao Brasil engodados com uma especie de soberania feudal que agrada a todos e principalmente aos homens de guerra: mas o systema feudal não colonisa bem, nem povoa melhor; e assim o arbitrio devia ser outro: o ponto consistia em attrahir e fixar estas

(*) Aqui não é o logar d'entrar na explicação destes diferentes systemas de povoação e cultura adoptados no começo da monarchia: isto requereria um trabalho especial, que envolve o mysterio da constituição agricola portugueza primitiva. Por agora bastará apontar em sumario 1.º que elrei D. Affonso Henriques distribuiu as terras em Jugadas; 2.º que elrei D. Sancho 1.º repartiu-as em foros certos ou censos; 3.º que D. Affonso 3.º deu-as livres e alodiaes separando a parte que reservou para si em Reguengos; 4.º que D. Diniz distribuiu-as por casaes com certo tributo de foro certo. Depois disto elrei D. Fernando obrigou á cultura forçada dessas terras com pena de perdimento dellas; e D. João 1.º levantou o perdimento, comminando certos annos para dar tempo a que se aproveitassem. Foi neste tempo principalmente que se introduziram as emphyteuses de direito romano; e para não fazer confusão chamaram-se foros antigos os de D. Diniz, os outros foros novos.

grandes familias dos donatarios, e deixar assás de utilidade e lucro aos cultivadores e colonos. D. João 3.º resolveu o problema desta sorte: distribuiu o Brasil em porções de cincoenta leguas de costa [para o interior não tinha limite, pois se não conhecia ainda], e deste grande espaço separou uma divisão mais pequena que fosse morgado do donatario com vocação de seus successores para quem devia passar; e nesta porção deu-lhes faculdade de impor os foros que lhes parecesse, já novos, já antigos; porque isso seria de convenção das partes interessadas: todo o mais terreno da capitania foi destinado para se repartir livre e alodial pelos colonos com a só imposição do disimo a Deus, condição inherente a todas as terras da monarchia. Assim que, toda a aquisição das terras no Brasil se fez por este methodo, e ás porções particulares adjudicadas se chamaram sesmarias porque começaram por ser de seis leguas; depois vieram a quatro, e tres leguas em quadro, e pelo tempo adiante e segundo a concorrência e outras circumstancias desceram a uma e mesmo a meia. Estas concessões ou sesmarias deviam ser confirmadas pelo rei, e tem a clausula de serem aproveitadas em certo tempo, ordinariamente tres ou dois annos, pena de perdimento para se darem a outros.

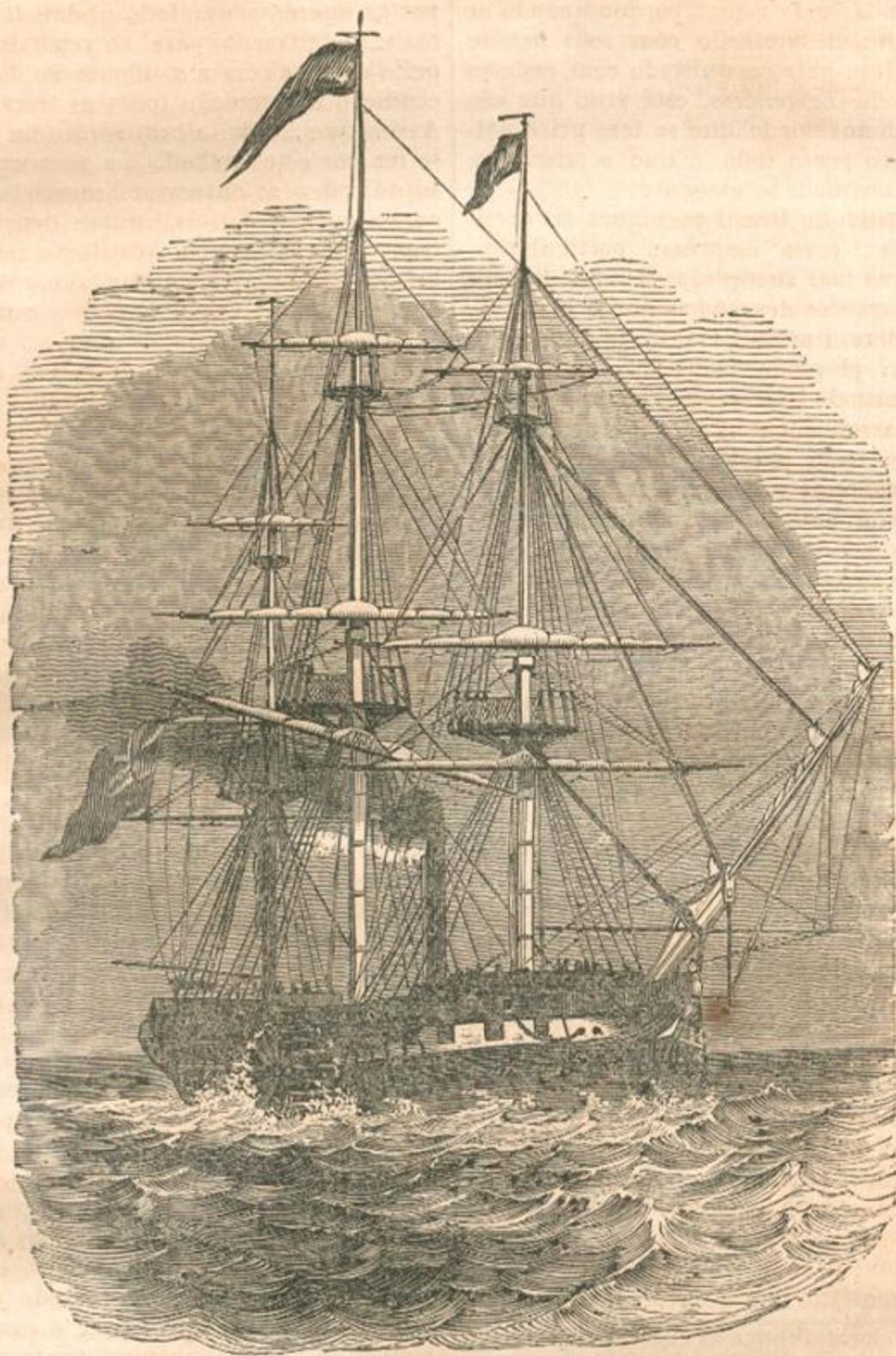
Já se vê pelo que fica dito que este arbitrio não escapava ao grave inconveniente de dividir em grandes propriedades: a distribuição que se havia feito na provincia do Alemtejo em extensos terrenos livres, chamados herdades, havia produzido o terrivel effeito da despovoação em que ainda hoje está; no Brasil com o systema das sesmarias devia acontecer outro tanto. Porem a necessidade é lei; era forçoso dar um estímulo aos emprehededores; e ninguem em taes circumstancias accitaria por menos. Desta forma de povoar e cultivar nasceu a indole dos habitantes, porque esta se forma com a constituição primitiva d'um paiz: como o terreno todo era disputado pelos indios e tudo era adquirido com as armas, resultou d'ahi uma povoação de soldados. Todas as descobertas no Certão, e as passadas expedições dos paulistas para Minas, Goyaz e Cuihabá; as dos bahianos e pernambucanos para o Pará; todas foram militares; até as que eram feitas por particulares e certanejos se chamavam = Bandeiras; = e ao passo que se ia augmentando a povoação, e estendendo os estabelecimentos, os pequenos districtos eram governados por capitães mandantes. Desta indole proveio que, quando pelo decurso do tempo se nomearam para as capitánias os governadores e capitães generaes, não foi isto uma escolha ou preferencia de systema, foi uma necessidade, porque o genio dos povos, o estado das povoações, dos costumes, do modo de vida, e das demais circumstancias assim o exigia: era o methodo que admittia maiores vantagens e menos inconvenientes. Em Portugal não se concedia aos governadores das provincias mais do que a jurisdicção militar, e a maior deferencia d'honra; no Brasil era forçoso dar-lhe tambem a suprema inspecção criminal e civil; ahi onde até se gostava de ver decididas as demandas militarmente.

O tempo e a experiencia foi modificando e alterando isto: as capitánias voltaram ao dominio da corôa por varios caminhos, e tudo mudou. Parece que no começo foi um principio adoptado não dar empregos senão aos que tivessem estabelecido ou engenho d'assucar, ou uma consideravel plantação ou roteação. Os donatarios se fizeram acompanhar

d'officiaes mechanicos, de sementes, d'instrumentos aratorios e fabris, d'animaes domesticos, ou os mandaram ir depois á sua custa. Grandes cabedades se exauriram assim nestas expedições, muitas vezes perdidas, ou malogradas. Para a cultura do asucar foi levada a canna da ilha da Madeira, e prosperou logo: seguiu-se o algodão, e por ultimo e só muito tarde o café. Este ultimo genero deve-se

como ao acaso, ou antes á curiosidade d'um homem sem especulação: o chanceller João Alberto Castelbranco vindo da India trouxe quatro pés de café, e distribuiu-os por algumas corporações; diz-se ser daquelle que tocou ás religiosas carmelitas que proveio a fructificação e a extensão deste precioso ramo de commercio: em 1808 era de 30:000 arrobas, em 1820 foi de 230:000!!!

J. da C. N. C.



NAVIO MOVIDO POR VENTO E POR VAPOR.

Ha uma recente applicação das machinas de vapor ao movimento das embarcações, que a Inglaterra considera muito proveitosa para a sua marinha mercante. O navio acima desenhado é o transumpto de um dos quatorze bonitos vasos destinados a viagens da India, que possui a casa commercial de MM. Green, de Blackwall. Esta embarcação nova e perfeita (*Conde de Hardwicke*) é munida, alem do apparelho usual, de uma machina de vapor, da força de 30 cavallos, que põe em movimento as pás rota-

torias (*paddle wheels*) proprias para fazer andar o navio em calmarias tão frequentes nas paragens dos tropicos. As taes pás rotatorias estão dispostas por maneira que se podem montar e desmontar em brevissimo espaço, tanto que podem separa-las da machina, n'um minuto, todas as vezes que fôr mister que o navio ande sómente á vela. O navio, de que vamos tratando, é do porte de 1:600 toneladas; o espaço occupado pelas caldeiras e engenho é só de vinte e quatro pés de comprimento e dez de largo, en-

tre a proa e a escotilha grande, tudo encerrado entre pontes, sem subir acima da cuberta nem passar para o porão. — Outro vaso de igual construção, o *Vernon*, o primeiro fabricado por este sistema, effectuou ha dois annos uma viagem de volta da India, de Calcuttá até Spithead (*), em ruim estação, em 86 dias, e do Cabo de Boa Esperança até este ultimo porto gastou só 32 dias, viagem mui breve, durante a qual se serviu do mecanismo do vapor por nove dias.

MANUEL DE SOUSA COUTINHO.

[Romance historico].

1578 a 1632.

I.

A partida para Africa.

A CATHEDRAL da sé (**) brilhava com vivo fulgor; as ogivas deixavam penetrar os raios de ouro do sol, e as abobadas immensas e longas arcarias eram illuminadas pelos fogos vermelhos de mil luzes que guarneciam os altares. Em torno aos fustes collossaes e gigantes das columnas toscas de ordem composita viam-se mimosas grinaldos de flôres; e no resto da igreja brilhavam custosas brocados, escarlata, crespina d'ouro, e frocadura, o que tudo concorria para o luzimento das gallas e paramentos. O cantar grave dos sacerdotes echoava em todo o ambito do templo magestoso, quando outro som diverso e mais agudo veio accordar innumerous echos dormitantes, bem como se essas cabeças de anjos que guarneciam as paredes houvessem entoado um côro divino para o firmamento. Eram os anafis que annunciavam a chegada d'elrei D. Sebastião.

Um pomposo cortejo acompanhava o joven monarcha, esse rei ardido para emprezas arriscadas e de alto bordo. Grande concurso de nobres e prelados precedia elrei, que vinha ataviado com uma telilha entre pardo e azul, guarnecida de muitos troços d'ouro; seu porte era tão bello e airoso, que parecia a fortuna querer-lhe outorgar o sceptro do mundo. Caminhava na frente o alferes mór, D. Luiz de Menezes, com o guião grande de damasco cramezim enrolado; a imagem de Christo broslado nessa signa apenas se entrevia: e ahí iam fitos os olhos d'elrei; era a ajuda de seus estados, a honra de sua fé catholica. D. João de Portugal, D. Jorge de Lencastre, D. Diogo de Sousa, D. Luiz d'Athayde, D. Ayres da Silva, Francisco de Sá,

(*) Encada d'Inglaterra entre Portsmouth e a ilha de Wight.

(**) Não é sem fundamento que fazemos passar a maior parte deste nosso primeiro quadro, ou capitulo, na sé de Lisboa; alguém porem *nimiamente escrupuloso* criticar-nos ha por inexactos, dizendo que a benção das bandeiras teve lugar em Belem: embora! Se errámos, comosco erram muitos escriptores portuguezes e estrangeiros, que citaremos se fórmos chamados *ajuizo*; todavia para que não pensem que *escrevemos sem ler*, ahí vai a maneira como muitos querem que o facto teve lugar: «D. Sebastião estava em Cintra, onde reuniu conselho, fazendo nesta occasião uma estirada oração para mostrar as vantagens desta sua segunda expedição a Africa; não aguardou resposta de seus conselheiros, veio para Lisboa sob pretexto de ir ao Terreiro do Paço vêr uma galé real:} foi a Belem benzeu as bandeiras, onde o bispo D. Antonio Pinheiro prégon um sermão, e entre os vivas e applausos de um povo frenetico embarcou-se cheio de regosijo.»

Pero d'Alcaçova, D. Theodósio, D. Jaime, e outros muitos, todos em competencia quem mais gentil e galhardo appareceria, rematavam o prestito.

Que pompas! Que louçainhas! Semelhava haver Deus querido despojar a bella terra de Portugal de ouro e jaezes, que então em abastança contava em gremio, para enriquecer a Berberia!

Mui terrivel ademan para imigos se enxergava em elrei; a seus vassallos parecia prometter insignes victorias, e com prantos de seu povo tão quisto, prantos que dimanavam do coração, vinha benzer, segundo a usança daquellas eras, o estandar-te real, e fazer preces ao Deus dos exercitos para que lhe bemfadasse a sua empreza.

Um mancebo de rosto folgado caminhava a par d'elrei, e ambos mui de mansinho praticavam; pelo aspecto e esguardamento de sua pessoa, logo discernis ser um dos ricos ornamentos de Portugal, que se ufanava de lhe haver dado o ser: era seu nome Manuel de Sousa Coutinho, moço de grandes esperanças, e que a uma alma rica de talento, poesia e amor, juntava uma prudencia e gravidade só propria de idade madura e rara em annos verdes.

Quando o cortejo passou junto da nave esquerda, Manuel de Sousa fitou os olhos n'uma dona, que, trajando modestas roupas, orava com um fervor verdadeiramente religioso. Quem a tivesse observado veria que o rubor lhe tingira as faces, onde os lirios e as rosas se enlaçavam louçãs; modesta e pudica mal ousava erguer os olhos para aquelle a quem dera vida e pensamento. Era esposa! Ligada a D. João de Portugal, D. Magdalena Vilhena, dera a mão a um homem, cujo sentir se afogára no gèlo da indifferença. Ah! que essa alma onde sobravam torrentes d'amor e sentimento carecia de encontrar outra igual á sua, onde se fundisse, se revolvesse e se entornasse! O amor que lhe rescaldava o peito era composto de lava vulcanica: produzira um incendio violento, e fôra esse portuguez valoroso, esse genio sublime e erguido, quem soprara as primeiras chispas.

Ao som dos atabales, sacabuchas, e charamelas foi elrei sentar-se no logar que lhe era destinado.

Cantou o bispo de Lisboa a missa, e finda ella foram benzidas as bandeiras com as costumadas formalidades. D. Sebastião tinha, durante a cerimonia, mostrado a mór devoção; sua alma se havia elevado até ao throno do Altissimo, e seus labios se tinham descerrado para pedir protecção para seus valorosos soldados, que iam aos torrados desertos d' Africa combater pela fé e plantar o pendão de Christo. Que idéas germinavam nessa cabeça tão joven e magnanima! Mal podêmos hoje comprehender os pensamentos dos reis dessas eras, e muito menos nos arriscámos a pô-los por obra!... Monarcha feliz era então D. Sebastião; estrella brilhante lhe fulgia, mas aí! essa eclipsou-se para dar passagem ao buleão da tempestade que ao longe rugia, e que rebentou sobre sua cabeça!... Manuel de Sousa não tirára os olhos de D. Magdalena, e um traidor, que se acoitava no regaço santo da igreja, bem o víra. O marquez Mathias de Kleist, em cujas veias girava o sangue dos imperadores d' Alemanha, tambem amava D. Magdalena, e jurára vingança, porque seu amar era embalde! O coração se lhe cortára de dor e agonia por o desprezo dessa dona, floi de lindezas; sentia coar-se-lhe na alma a peçonha da vibora do ciume, e a vida de mancebo tão léda se lhe desfolbava folha a folha!

Era muito soffrer! Resolveu perder os dois incautos amantes que nas branduras do amor olvidavam a traição!

Os olhos vivos e penetrantes de Manuel de Sousa bem haviam apercebido os gestos do seu rival; mas callára-se porque estava ante o seu rei e senhor, que lhe dava tanta privança. Finda a cerimonia, já se resolvia partir elrei, quando voltando-se para os que o cercavam disse:

— Senhores, hemos determinado, como sabedes, vir cumprir com esta usança para que o Sr. Deus nos ampare e patrocine; benzemos o sagrado estandarte para mor ajuda de nossos estados e da santa fé, cujo professor somos. Vamos agora com as armas defender a santa igreja dos insultos dos barbaros africanos e augmenta-la nas partes orientaes com a doutrina evangelica. O Sr. rei D. João 2.º trouxe por devisa um pelicano com a letra = *pola lei e pola grei* = assim nós jurámos, pelas cruces desta espada, dar nosso sangue, e como o pelicano que o solta do peito para alimentar os filhinhos, nós o daremos pela fé e pela manutenção de nossos povos! . . . —

Um murmúrio prolongado acolheu estas palavras tão vindas d'alma do joven monarcha; e Manuel de Sousa ia redarguir, mas ao principiar a fallar recuou e empallideceu. . . . O marquez Mathias de Kleist praticava com D. Magdalena!

Breve foi o seu embaraço, e tão breve que ninguém o apercebera; affectando tranquillidade, pouco depois proseguiu:

— O anjo da Lusitania, fulgurando de luz mysteriosa, nos amostra Larache! Largo espaço elle ha pairado sobre nossas cabeças, e com sua voz triste e harmoniosa entôa o hymno das batalhas; hoje porrem bateu as azas, e voou ao céu, sua patria! O seculo 15.º, esse seculo de prodigios que se ha volvido, marcou a entrada para os portuguezesprehenderem feitos grandes. Bem haja o infante D. Henrique, cuja alma está em gloria, que a Portugal doou thesouros tão estremos, como o descobrimento da costa occidental d'Africa, a que o estrangeiro chama louco e desatinado, como é seu costume, quando vê nossas empresas maritimas; mas é porque não encontra palavras que igualemente o louvor que merecem, ou porque não se atreve a encobrir a inveja que lhe faz a inestimavel gloria, a infinita riqueza, e os triumphos e victorias, que por meio dellas alcançou este reino! Sus, D. Sebastião, senhor rei nosso, sê-de grande como vosso animo, e sereis digno do nome de monarcha dos portuguezes!

— Nós t'o agradecemos, Manuel de Sousa, replicou elrei com um sorriso que assentava mui bem em labios de guerreiro novel.

Logar ao rei! bradou uma voz forte.

E o povo que se juntára, deixando vêr bem como um oceano de cabeças, agora dividido offerencia o aspecto de mil gargantas d'um rio largo. Elrei ao som dos instrumentos e das algazarras do povo, sahia com todos os nobres e prelados, que se partiam todos ás praias do Restello.

Mui prestes a igreja se viu nua e despovoada; a custo se enxergavam aqui e alli alguns pequenos grupos, e os gritos do povo e o cantar dos sacerdotes foram substituidos por um murmúrio brando como o correr d'agua. Tudo enfim se quedou em silencio, e só dois vultos junto á capella mór se divisavam. Eram D. Magdalena Vilhena e Manuel de Sousa, ambos empenhados em uma contenda porfiada; Manuel de Sousa devia partir, e D. Ma-

gdalena em balde com elle luctava, revolvendo-se-lhe a alma em fel e anjos.

Manuel de Sousa! [clamava ella desfeito o coração em suspiros de magoas] não partirás. . . . não partirás. . . . Ingrato! não vês que amar como eu amo, sentir como eu sinto, é morrer quando foge o objecto por quem minha alma se altera! Oh! terás de soffrer o poder das vagas, arrostará contra um elemento enganador, que ora appresenta uma superficie polida e lisa, ora se ergue furioso prestes a aniquilar com seu sopro de gigante tudo quanto se lhe appresenta! . . . E essa batalha, que me augura o coração que será fatal a Portugal, essa batalha onde tu podes perder a vida. . . . oh! tem piedade de mim! lembra-te do nosso amor. . . . fica em Portugal, fica a meu lado! . . .

E suas mãos tão mimosas como o jasmim, tão delicadas como o estame da tulipa, queriam segurar o braço todo ferro do moço guerreiro.

— D. Magdalena! D. Magdalena! Que disseste? Não está primeiro a patria que o amor? . . . O Sr. rei nosso vai expôr sua vida tão preciosa, e devei eu ser quedo, consentirei que me chamem cobarde, cobarde a um portuguez, que antes lhe cahirá das mãos o vaso d'amor que a espada? . . . Tu não sabes o que é a patria para uma alma portugueza, onde se vibram tão robustas as cordas do sentimento! . . . Não conheces o poder desse fogo santo que arde nas aras do Senhor, e que abraza a mente, o peito, e o entendimento! Perderei a vida, nossos valentes soldados morrerão affogados em cadaveres; mas nunca serei traidor ao meu rei! Elle vai a Africa, bom prol lhe fade sua santa empreza, e se perder o solio ganhará o céu! oh! mas por essa doce união que liga nossas almas, não queiras que eu fique malquisto, que se dê pela nossa ausencia. . . . Amo-te cada vez mais, a centelha luminosa de teus olhos ainda é a minha estrellita mui presada, o teu amor a flôr de minha vida. . . . mas é mister partir no mesmo instante. . . . no mesmo instante. . . .

— Ai misera! partir! Esse pensamento tem no amago o inferno! Manuel de Sousa, queres matar-me? Eu abraço-me em fogo d'amor. . . . para que me disseste que me amavas, para que me abriste as portas do céu? Fizeste-me conhecer a vida, o amor, unica gôta de balsamo para as chagas d'alma, mataste-me com as tuas palavras meigas, com a celeste flama de teu anhelito, e agora abandonas-me! . . . Oh! bem vejo a alienação dos meus sentidos, bem sei que sou louca, desassissada. . . . Meu Deus! Meu Deus! para que me deste olhos que tanto veem, coração que tanto sente! . . .

E D. Magdalena, não podendo com o pungir de dôres tão agudissimas, desfalleceu. Que faria Manuel de Sousa? — O amor e a patria! dois sentimentos oppostos, ambos dourados na apparencia e amargosos no provar!

Levou o joelho á terra, imprimiu nessas mãos tão lindas e puras um beijo ardente, e as lagrimas lhe correram dos olhos, e lhe escaldaram os labios, e elle levou a mão ao coração como para abrandar as violentas palpitações que lh'o despedaçavam.

— Anjo, a quem Deus soprou vida pura e bella, rosa que o halito do verme não manchou, a Larache vai meu corpo, e cá me fica presa a minha alma! Patria! patria! perdôa se choro, mas as lagrimas são do homem. . . . Adeus, D. Magdalena, ou vivo todo teu, ou morto pela fé e pelo meu rei! . . .

Quando já na amplidão do espaço se ia perdendo, D. Magdalena cobrou animo, ergueu-se vagarosa como tímida avesinha a quem feriram na delicada aza, olhou em torno de si, viu-se só, abandonada... nem um só som articulou, nem um só vocabulo... mas o que sentia sua alma mal podemos bosqueja-lo.

Cahi de joelhos, levantou as mãos ao Creador, implorou pela vida daquelle que amava tanto, e uma ceeste visão lhe passou pelos olhos, rapida como vôo d'ave...

Nesse momento não creu, sonhou...

Qual valeria mais?

Era o dia 24 de junho de 1578; os ultimos raios do esplendor moribundo do sol adormeciam nas azuladas aguas do Tejo, que estavam placidas como a superficie d'um lago que o vento não encrespa. As bellas e historicas praias do Restello, que havia 25 annos tinham visto partir a expedição que levava por capitão Fernando Alvares Cabral, e por soldado Luiz de Camões, estavam cobertas de um povoléo immenso, que cheio de transporte saudava o arrojo do seu rei, e pedia a Deus com sinceras plegarias que o levasse a salvamento. Dez dias haviam que D. Sebastião se achava embarcado, e estava agora chegado o momento da partida. Oh! que sublime era para o homem pensador e philosopho o ver oitocentas vellas de formas graciosas e fantasticas, que brandamente se moviam com a respiração das vagas, os mastros alevantados como gigantes collossaes, e os pavezes e flamulas coloridas pelos raios de fogo do sol, semelhando alto hieroglyphico que um Deus eterno gravára na abobada ceeste! Confundiam-se as vozes dos matalotes com os vivas que soltavam mil bocas; aos vagitos das creanças se uniam os clamores fracos dos anciãos; e ao bradar confuso das mulheres se misturava o soluçar dos pais, que viam partir os filhos, das esposas que deixavam os maridos, das irmaãs que se separavam dos irmãos. Se não estivessemos no seculo 16.º e em Portugal, diriamos que era essa uma das scenas infernaes que com tão brilhantes côres descreve Dante na sua *Divina Comedia*.

As náus, os galeões, caravellas, galés, e navios mancos com as suas multiplices formas, suas variegadas pinturas, começavam a agitar-se, e nesses seus movimentos semi-circulares pareciam bandos de fadas, que nas aguas formavam aereas e fabulosas chorêas. Então estiraram-se as antenas, largaram-se os pannos e as enxarcias se retesaram; tudo era confusão, tudo tumulto, recrescia agrita, o motim, e só um homem, indifferente a tudo, conservava-se immovel no convez do galeão S. Martinho; um pensamento pungente e terrivel como o gume d'um punhal lhe despedaçava as fibras do coração, que apenas de quando em quando se aliviava de penar tão cruel por uma recordação mais branda, mais doce: esse infeliz era Manuel de Sousa Coutinho, pensava em D. Magdalena, folgava com o lembrar-se que era amado!

Um vivissimo estremeção o fez como acordar do tão fantastico sonho em que jaziam sepultadas suas faculdades intellectuaes; olhou... e pela primeira vez viu o que se passava em torno!

A frota levantava ferro, o mar ferido pelas prós multiformes se espreguiçava envolto em espuma, e as brancas vellas se perdiam do littoral nas azas dos ventos.

P. M.

[Continuar-se-há].

DOURADURA DOS METAES PELAS CORRENTES GALVANICAS.

Recebemos a seguinte ampliação ao artigo estampado a pag. 46 deste vol.: presaremos sempre correspondencias, de que a industria pôde tirar proveito.

—... Li em um dos numeros do seu jornal um artigo em que se descreve o novo processo De la Rive para a douradura dos metaes por meio das correntes galvanicas, ensaiado com feliz successo pelo Sr. Julio Pimentel, professor de chimica na escola polytechnica; já elle me não era desconhecido porque tinha lido sua descripção na physica de Mr. Person, e os principios que presidem á construcção do apparelho são os mesmos da pilha de correntes constantes de Daniell.

Todo o artificio consiste em separar os dois liquidos aonde se acham os polos do elemento da pilha por um corpo que permitta ao mesmo tempo a passagem contínua das correntes, e é por esta razão que se emprega a membrana animal que Rive considera como representando um papel muito importante; é para este phisico a membrana um elemento indispensavel.

Como o processo era muito simples picou-me a curiosidade de o repetir, e agora appresentarei não só a maneira como preparei o apparelho, mas quaes os phenomenos que observei, assim como as modificações que introduzi e os seus resultados; assim entendo que prestarei algum serviço á industria.

Dei á lamina de zinco a fórma d'um tubo com o diametro d'uma pollegada e um pouco mais de comprimento, aberto por ambas as extremidades; a uma destas soldei por um ponto o fio de cobre que teria tres linhas de diametro e cinco pollegadas de comprimento, disposto em arco, e na extremidade livre soldei um fio de prata quasi do mesmo diametro do cobre e de comprimento de uma pollegada, era este quem sustentava um pequeno disco de prata destinado para o ensaio, todos estes metaes foram muito bem polidos; preparei depois uma onça d'agua regia, na qual dissolvi algumas laminas d'ouro, promptamente se formou o chlororeto que dilui em pouco mais d'uma libra d'agua, tudo dentro d'um copo aonde igualmente introduzi a membrana animal formando uma especie de sacco aberto pela sua parte superior, e dentro deste lancei quatro onças d'agua a que juntei cinco a seis gottas d'acido sulphurico; feito isto puz em communicação com as dissoluções os dois polos do elemento, sendo o positivo dentro do sacco membranoso, e o negativo no espaço que continha o chlororeto, para o que fiz uma passagem entre o rebordo do copo e a membrana; assim ficou o circuito completado por entremeio desta substancia organizada.

Immediatamente o apparelho se poz em actividade, a agua foi decomposta, o zinco oxidado e o sulphato se formou passando o hydrogenio para o polo negativo seguindo a direcção da corrente descendente aonde foi combinar-se com o chloro que estava unido ao ouro; que o acido chloridrico se formava foi conhecido pelo cheiro que a dissolução lançava em quanto a pilha estava em actividade, o que evidentemente era devido ás bolhas gazozas que se formavam na superficie da lamina de prata aonde se fixavam por algum tempo até que a força da tensão vencia a pressão das camadas do liquido sobreposto e da atmosphaera, vinham á superficie e se evolviam; notei portanto duas correntes em senti-

do opposto cujos movimentos continuaram por largas horas, mesmo depois de tirar o elemento da pilha, postoque com muito menos intensidade, o que bem simulava o phenomeno da endosmose e exosmose falsamente interpretado por Mr. Detrochet como dependendo de certo modo do principio vital, e que Mr. Raspail plenamente refutou trazendo-o por imbibição.

Ao passo que isto succedia os atomos do ouro se depositavam na superficie do disco começando pela circumferencia da lamina e em maior quantidade pela parte correspondente á extremidade do polo, que era o centro donde os raios divergiam; assim se foi cobrindo toda a superficie juntamente com outra nova substancia cõr de figado, que evidentemente era o bi-chlororeto de cobre, porque se dissolvia muito bem na agua, e quando exposta á luz por certo tempo adquiriu uma cõr azul inclinándose a violeta, o que por muitas vezes me obrigou a limpar os metaes; consegui dourar completamente a peça mas observei que a douradura não era das mais firmes, que o ouro se distribuiu muito irregularmente sendo no centro aonde notei muito menos quantidade; é exacto tambem que a peça fica um pouco manchada, mas isto acontece quando a operação não é bem dirigida ou que haja algum descuido na intensidade da corrente ou mesmo no limpar; eu possuo uma lamina de prata que está bem dourada sem que tenha mancha alguma; repeti segunda experiencia, mas nesta sómente empreguei meia onça d'agua regia, na qual dissolvi maior quantidade de ouro, que ajuntei á mesma quantidade d'agua; o resultado foi o mesmo.

Lembrei-me depois modificar o apparelho com o fim de verificar se a membrana animal seria um elemento indispensavel, como quer Mr. de la Rive; com este intento preparei o chlororeto pelo modo já descripto, e não me servi da membrana nem do zinco, e apenas do fio de cobre com a peça do ensaio, que primeiro foi polida; suspense o fio de cobre recurvado e a lamina por uma pequena vara de páu que colloquei sobre o rebordo do copo, de sorte que as extremidades ficassem mergulhadas sómente no chlororeto liquido, deixei o apparelho em quietação, observei que as bolhas gazosas se formavam da mesma sorte nos dois polos, mas em quantidade muito menor, que a corrente era muito mais fraca, mas que a douradura se fazia da mesma sorte, que era mais regularmente distribuida, sem manchas, precisando ser limpo muito poucas vezes, e que o bi-chlororeto de cobre se formava mais abundantemente turvando em pouco tempo a agua; expuz finalmente o apparelho á acção dos raios solares e os phenomenos continuaram sem perturbação.

Á vista pois desta experiencia fica evidentemente provado que não só a membrana animal não é elemento indispensavel, mas que tambem podemos prescindir do zinco, e da dissolução do acido sulphurico; por consequencia que o processo da douradura por meio das correntes galvanicas póde ser muito simplificado, mais regularmente dirigido, mas sem contarmos com a firmeza das camadas, tanto pelo primeiro como pelo segundo processo. Tivemos occasião d'observar outro phenomeno singular; no ponto da intersecção das linhas formadas pelo fio de cobre e pelo plano da agua formou-se uma substancia de cõr verde muito viva, mas só pelo lado que correspondia á incidencia dos raios solares, esta substancia adheria ao cobre, na pro-

porção que o liquido abaixava o seu nivel novas camadas se formavam, deixando entre si um intervalo, que parecia corresponder á quantidade que o nivel abaixava pela evaporação acontecida durante a noite; seja como for, o que não padece duvida é que a luz influiu pelo menos na formação da cõr; talvez se pense que esta substancia seja o oxichlororeto de cobre, não o contesto, mas deve notar-se que a observei ao microscopio e pelos caracteres que appresentava figurava ser uma verdadeira substancia organizada, um musgo rudimentar. Teremos aqui algum resultado da combinação da molecula organica com base terrea como quer Raspail?

L. M. dos N. M.

Graça, mercê, favor. — O presente artigo, escripto n'uma obra didactica, destinada especialmente a dilucidar a propriedade e rigoroso significado de muitos vocabulos da nossa linguagem, é alem disso tão sentencioso, que não duvidámos reproduzi-lo, em lugar de maximas e pensamentos, como doutrina moral. —

— Fazer uma graça é acto de benevolencia gratuita. — Fazer uma mercê é acto de benevolencia recommendada e talvez prescripta pela justiça. — Fazer um favor é acto de benevolencia affectuosa, que distingue e prefere a pessoa favorecida. — A graça exclue o rigoroso direito; mas não a dignidade da pessoa, nem o seu merecimento. A mercê suppõe direito, proporciona-se ao merecimento, e talvez é uma justa e devida recompensa. O favor não attende nem ao direito, nem á dignidade, nem ao merito; regula-se tão sómente pela inclinação pessoal; aconselha-se com os affectos do coração.

A bondade, a beneficencia, a generosidade, a clemencia preside á distribuição das graças. A justiça benevola, e talvez liberal e generosa, regula as mercês. A amizade, a affeição apaixonada, o empenho, que se interessa na satisfação, e felicidade d'alguem, faz ou concede favores.

O principe faz graças e mercês; o magistrado, o homem publico não deve fazer favores nas cousas de seu officio. — O principe deve haver-se, na distribuição das graças e mercês, com largueza, mas com medida. As graças, que são inspiradas pela clemencia, devem ser mais raras; porque podem promover o desprezo das leis, por meio da impunidade. As mercês, nimamente vulgarisadas, ou concedidas sem a devida proporção aos merecimentos e serviços, confundem as graduações sociaes, e porfim perdem o valor e empobrecem o estado. — *D. Francisco de S. Luiz — Ensaio sobre os Synon. tom. 2.º*

QUEREIS saber o meio de viver em paz com os homens? Não lhes contesteis as qualidades de que se presam... A maior de todas as imprudencias é estimular-mo-nos da presumpção dos outros: uma grande parte dos nossos desgostos provém d'ahi.

Diminui vossas relações com os homens, e augmentai-as com as cousas; ganhareis sabedoria. Para conseguir isto os meios são o estudo e a vida no campo.

O insensato despreza os conselhos dos amigos; o sabio aproveita mesmo as censuras de seus inimigos.